

Marinho, Josaphat

CORREIO BAHIENSE

21 OUT 2000



Sobre foto de Zuleika de Souza

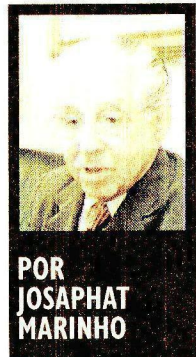
Nos meandros da política

Em política, a fidelidade aos deuses mortos é pouco freqüente. Passadas as cinzas, recolhido o luto, encolhe-se a lista dos fiéis. Esvaem-se as saudades. Sobem aos altares os santos vivos. São os que têm bênçãos a distribuir, a mãos fartas. Recebem os discípulos, tratam-nos com brandura ou dureza, conforme as situações. De qualquer modo, são amados. Tendo força, prestígio, dádivas, merecem sempre louvor. Repetem-se-lhes, com fervor, as palavras sagradas: "Queremos Deus que é o nosso rei, queremos Deus que é o nosso pai". Não importa a falta de verdadeira crença. O que vale é a manifestação exterior de entusiasmo, e que produz efeitos, ou seja, como hoje se diz, resultados.

Desprezando o oportunismo e realçando valores, o senador Pedro Simon lembrou, dias passados, a figura de Ulysses Guimarães. Encheu o plenário vazio com a imagem de quem comandava "meia dúzia de naufragos pela redemocratização". Os que se beneficiaram da influência do líder tragicamente desaparecido dele não se recordaram. Para os mais hábeis, o destino dos mortos é o esquecimento. Trazê-los à tona é embaçar a glória de vivos, situados à margem da história. Os que deixaram a existência com um rastro de luz ameaçam sempre a opacidade de sobreviventes sem grandeza.

Ulysses Guimarães pode ter vacilado no início dos governos militares, por acreditar em intenções de ordem discricionária sem terror, ou pela influência de antigos companheiros de

partido. Desenhado o perfil do poder desenvolvido, assumiu seu lugar nas trincheiras da democracia. Desde que ocupou a presidência do MDB, foi o combatente destemido, até na anticandidatura. Não exagerava nos golpes, nem recuava no avanço certo. Sentia-se, por vezes, que ele reduzia o vigor de suas palavras ou de seus gestos, para não assustar aliados. Tinha-os de várias tendências e de ânimos diferentes. Os que não transigiamos com o arbítrio disputamos-lhe, num dado momento, a presidência do partido. Não por ele, pelos que lhe prendiam os passos. A posição pessoal dele era inatacável. Reagia com virilidade à violência, mesmo diante de risco pessoal. Afastou até policial, com movimento brusco de braço, para entrar na sede do partido, como o fez na Bahia. Preocupava-o a independência da organização que dirigia. Não queria ser oposição consentida, apesar da intenção dos atos oficiais editados.



POR JOSAPHAT MARINHO

Como advogado que funcionou no processo, vi seu empenho na incorporação do PP ao MDB. A medida contrariava o poder militar, porque fortalecia a abertura democrática. Desambicioso e ético, lutava por essa conquista impessoalmente. A firmeza adotada, porém, projetava-lhe a personalidade. Para agrado dos militares, que não o queriam ver presidente da República, travaram-lhe a caminhada final. Apoiou, entretanto, com disposição, a candidatura de Tancredo Neves. Defendeu-a bravamente no tecido político e nas praças públicas. Apelidaram-no de "Senhor Diretas". Recusada a emenda das eleições populares, con-

tinuu a sustentar a candidatura de Tancredo com o mesmo vigor. Como escrevi o arrazoado que sustentava ser inaplicável a fidelidade partidária no Colégio Eleitoral, observei o empenho com que procurou cada ministro do TSE para entregar o documento. E a vitória dessa tese abriu espaço à eleição indireta de Tancredo. Com o mesmo desinteresse pessoal, na morte dramática do mineiro ilustre, não discuti a sucessão polêmica. Acolheu a interpretação dada, contanto que se restaurasse a vida democrática.

Coerente com esse espírito, paciente e habilmente conduziu a bom termo a Assembléia Constituinte, contraditória e tumultuada. Queria como conseguiu entre forças divergentes, dar à nação a Constituição democrática. Promulgou-a com entusiasmo. Estava, de novo, por serviço relevante, credenciado a concorrer à Presidência da República. Quando sua candidatura se configurou, circunstâncias históricas e motivações políticas e partidárias lhe retiraram, outra vez, as condições de êxito. Morreu tragicamente, Ulysses levou para o fundo das águas a memória de seus êxitos e de suas mágoas. Dos êxitos os fatos notórios são retrato expressivo. De suas mágoas, talvez as conhecesse a esposa, dona Mora, com ela tragada na tempestade, ou, pela amizade fraterna, Renato Archer, também já falecido. Podendo ser senão de muitas dessas mágoas, o senador Pedro Simon limitou-se, agora, a recordá-lo, com sensibilidade e justiça. Mas todas as verdades têm sua hora.

JOSAPHAT MARINHO, EX-SENADOR, É PROFESSOR EMÉRITO DA UNB E DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO DA UPI